

---

HILL, L. A. *Elementary stories for reproduction*. London, Oxford Univ. Press, 1965, 1966, 1967, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975, 1976.

Poderá parecer estranho o fato de procedermos, somente nesta oportunidade, ao comentário desta obra de L. A. Hill, que foi a pioneira e seguida por tantas outras, algumas das quais já tivemos o ensejo de apreciar, em publicações da *Revista de Letras* de números XI e XII, respectivamente.

Com efeito, na *Revista de Letras* de número XI comentamos a obra de *Advanced stories for reproduction* e na de número XII abordamos o trabalho *Literary comprehension and appreciation pieces*; o primeiro, também da autoria de L. A. Hill, e o segundo, do mesmo escritor em co-autoria com D. J. May e que se sucederam à obra que ora passamos a apreciar.

O fato de termos tido a possibilidade de analisar obras posteriores a esta, do mesmo autor e de só agora apresentarmos uma apreciação de seu trabalho inicial, deve ser levado à conta das dificuldades de acesso às obras importadas. Elas nos chegam desordenada e inesperadamente, ao sabor do acaso. Por isto é que deparamos com a apresentação, também desarticulada, da análise de tais obras. Obviamente só podemos emitir juízos sobre trabalhos que nos cheguem às mãos e isto está, via de regra, subordinado a outros fatores e interesses diferentes dos da pesquisa científica e da busca instru-

mental de elementos mais adequados à realização da difícil tarefa de ensinar uma segunda língua ao nosso contingente estudantil.

Aceitando um desafio de há muito permanente, no campo de ensino de uma língua, L. A. Hill principiou sua série didática em um ponto crítico, na curva de aprendizagem de um idioma estrangeiro. No caso, está em pauta o ensino do inglês. O autor centralizou a aplicação prática desta sua primeira obra na fase que se segue à dos primórdios da aquisição lingüística.

Fato sobejamente conhecido por todos os que militam nesta área, é o do "plateau" que se apresenta na curva representativa da aprendizagem de uma língua, após o percurso de suas etapas iniciais. Estas são geralmente visualizadas como bastante gratificantes e motivadoras e, se observadas num gráfico de coordenadas cartesianas, ascensionais. Após estas primeiras etapas, entretanto, verifica-se uma fase na qual é difícil de se perceber o avanço aquisitivo do idioma ensinado, o que deixa de incentivar tanto os mestres quanto os aprendizes em questão.

Justamente para esta etapa difícil é que L. A. Hill principiou seu trabalho, apresentando-nos o livro de que agora nos ocupamos e que se trata de "Elementary stories for reproduction".

Claro está que a obra, destinando-se a ser aplicada após a aquisição dos elementos fundamentais do idioma Inglês, só poderá ser usada para as séries finais do segundo ciclo e/ou para os primeiros anos universitários.

Ele contém 56 estórias, em 59 páginas; cada unidade é seguida por um questionário e, após a última, há um apêndice vocabular de cinco páginas. Tais estórias contêm a narração de fatos inteiros, que retratam acontecimentos facilmente reconhecíveis no decorrer dos dias normais, atuais, através de um contingente vocabular realístico e coloquial de perto de 150 termos, em cada passagem.

A terminologia coloquial, normal encontra-se contida em estruturas gramaticais que são simples e limitadas, supostamente já adquiridas. Não se notam complicações sintáticas maiores, tais como frases condicionais, voz passiva, emprego de modais, etc..., por exemplo. Restringem-se ao emprego de tempos verbais simples e de compostos mais contraditórios, como os Presentes Simples, Perfeito e Contínuo entre outros.

Vê-se que o autor visou primordialmente um aumento vocabular referente às situações mais ocorrentes no dia-a-dia de cada um, supondo o domínio anterior das estruturas simples, nas quais as encaixou.

Em seu prefácio, o autor sugeriu várias opções para o uso desta obra, como já observamos nas obras que a esta se sucederam.

Neste caso, são estas as indicações:

1 — A fim de desenvolver a aquisição do sistema sonoro do idioma ensinado ao estudante, o professor poderá ler uma estória do livro, em voz alta, várias vezes e solicitar que ela seja repetida oralmente ou que sejam respondidas oralmente as questões formuladas sobre o trecho estudado. Assim procedendo, o professor estaria insistindo nas duas primeiras técnicas do método lingüístico, reforçando os hábitos de bem ouvir e de repetir com fidelidade verbalmente, o material selecionado. Nesta hipótese, só o professor tem a posse do livro e esse procedimento seria aconselhável para classes pequenas. Ideal, porém quase impossível, em se tratando de nossas condições de ensino.

2 — A obra poderia, também, desenvolver os hábitos da linguagem escrita. Assim, o professor leria uma estória várias vezes em voz alta, e depois pediria aos alunos que a reproduzissem por escrito, ou que respondessem as questões formuladas a respeito da mesma por escrito também, utilizando o quadro negro. Desta forma, o livro poderia ser empregado com proveito didático, para classe mais numerosa. Esta alternativa a torna viável de aplicação em nosso país, dado o elevado número de alunos com que comumente contamos para a execução da tarefa pedagógica.

3 — Para classes que estejam sem a liderança do mestre, a obra pode ser empregada para exercícios de ampliação da linguagem escrita, tão somente. O autor sugere que

os alunos que se encontrem em tal conjuntura leiam uma estória, consultem o glossário de termos existente no final do livro, e depois procurem ou reproduzir as estórias, tanto quanto as entenderam, ou responder as questões que acompanham cada uma.

Conforme já tivemos a oportunidade de expressar, os trechos oferecidos para estudo são pequenos, enfocam assuntos bastante variados, interessantes, reais e quotidianos. Neles se verificou a criação do personagem Nasreddin, que invoca os usos e costumes orientais. Ele aparece isolada e episodicamente, ao longo dos 56 trechos apresentados. Surgiu, primeiro, na terceira estória do livro depois reapareceu nas de números 18, 19, 20, 21, 22 e 23. Novamente se introduziu nas estórias 29, 30, 31, 32, 33, 34 e 35 e finalmente fez sua última aparição nos trechos de números 37 e 38. Esta simpática figura, criada nesta obra, irá aparecer novamente, figurando em obra posterior do autor: *Advanced stories for reproduction* conservando suas características fundamentais, em episódios cômicos ou demonstrativos de sabedoria e de humor fino. Pareceu-nos que o autor expôs a criação deste tipo em forma bastante inteligente, fazendo-o nascer na estória terceira do livro e só o rerepresentando em três séries episódicas, integrando ao todo dezesseis das 56 estórias que compõem este seu primeiro livro. As demais ocupam-se de narrativas de fatos ocorrentes com pessoas variadas, de ambos os sexos, de diversas faixas etárias, profissões, em ocasiões e locais também diversos.

Não podendo aplicar-se à fase mais adiantada da aquisição linguística, para a qual dedicou outras obras suas, o autor precisou criar *todas* as passagens que formam o conteúdo deste livro, assim como seus questionários. Não é de se estranhar, pois, que nele estejam ausentes trechos originais de obras consagradas, filiadas às Literaturas expressas em língua inglesa, uma vez que o nível de linguagem própria dos gêneros literários não permitiria este procedimento ao autor, neste trabalho. Parece-nos louvável o esforço criativo de L.A. Hill para elaborar com tanto cuidado as estórias curtas e interessantes, por onde desfilam personagens corporificados em crianças, senhoras, jovens, cavalheiros, velhos e animais que alternam com Nasreddin, o sábio bem-humorado, na atenção dos que lêem ou ouvem os trechos.

Também merece comentário especial o fato de que, em sua criatividade, o autor tenha sido cerceado pelas estruturas simples da linguagem coloquial, que os alunos já deveriam dominar e com elas trabalhar, a fim de proceder à expansão do vocabulário ativo e passivo dos mesmos, aumentando o contingente linguístico dominado. Tal cerceamento deve ter constituído grande entrave para a confecção deste livrinho, pequeno de apresentação, porém precioso em seu conteúdo.

Se o autor precisou de grande afincamento para compor as 56 passagens da obra, tal não parece ter sucedido com o tipo de exercício de fixação que se acha anexado a cada uma: um simples questionário.

Entende-se que, se L.A. Hill desejava conferir ênfase à parte oral da língua ensinada, perguntas seriam uma das muitas maneiras com as quais poderia ter procedido, para alcançar o fim desejado: fixação das expressões e desenvoltura na conversação. Entretanto, é o questionário o único tipo de exercício proposto aos alunos, da primeira à última passagem da obra, o que confere caráter monótono e muito simplificado para a fase que se destina. Este foi o principal senão que nela encontramos.

Outro aspecto que também se nos afigurou digno de comentário foi o fato de que o autor não tenha

pretendido, com esta obra, abarcar todas as técnicas ou recursos do método lingüístico, pois ele assim o declarou, quando esclareceu que ela deveria ser utilizada intercaladamente com as demais práticas docentes, pertinentes à fase em causa.

Embora não pretendendo ditar total e rígido "modus operandi" aos mestres, com esta obra o autor a eles forneceu instrumental bem planejado, controlado e executado, possível de ser utilizado por uma ou outra das muitas técnicas a que os docentes terão que recorrer, para poderem bem se desincumbir de sua tarefa pedagógica.

LEILA FILINTO PINTO DE ALMEIDA